

Sting transforma Raoni em garoto-propaganda

ANDRÉ BESSA
Genebra-Suíça

Vejo com pesar a toda uma série de articulações de "mídia" em torno da Amazônia e dos índios brasileiros fomentada por um "roqueiro" inglês e uma certa emissora de televisão francesa. É deplorável. O último tento desse famigerado golpe publicitário — cujos reais beneficiários serão os seus próprios promotores, como sempre ocorre — foi de levar a Paris o cacique Raoni para submetê-lo a um verdadeiro "rally" de apresentações em diversos programas da tal emissora e de outras, onde, de cocar e pintado em suas cores tribais, aparece tão à vontade como um esquimó em Xavantina. E pior, um jovem de língua francesa, apresentado pela televisão como um intérprete em seu dialeto, não faz mais que balbuciar algumas palavras de brasileiro no sotaque de Ipanema. Tudo isso, repito, é lamentável.

Pergunto eu: o que aconteceria se o Chico Buarque de Holanda ou a Rita Lee viesse a se interessar pela guerra crônica entre as Irlandas e lá fossem para sensibilizar as pessoas para a paz? Teriam eles o mesmo apelo, a mesma receptividade? Ou seriam aniquilados por um atentado ou algo parecido? E se Tom Jobim decidisse levar uma campanha com o intuito de acabar a caça na França, teria ele a mesma acolhida ou o mesmo fim?

Com todo o respeito que tenho pelos índios brasileiros, pois os conheci de perto há alguns anos e essa é a razão pela qual escrevo, acho que eles deveriam continuar a sua luta mais do que justa em seu próprio País, que é onde está a sua história. No momento em que uma figura como o cacique Raoni se submete a um tal esquema publicitário em terras estrangeiras, que visa nada mais nada menos que a promoção dos meios e não dos fins. Ele, acho que ingenuamente, servirá de produto exótico (muito em voga atualmente aqui na Europa) destinado a aumentar efemeramente os índices de audiência da "mídia"



eletrônica ou de ilustração para a capa do novo LP do rock inglês. Aliás, sob esse mesmo tema, já existe uma série de vídeos cassetes, publicações e mesmo um livro em que o "pop star" Sting é incensado como o grande defensor da Amazônia.

"Today Amazonas, tomorrow the world" — Já ouvimos isso antes e nada acrescentou ao processo histórico dos povos que se desenrola inexorável, independente dessas modas de época. A elevação da temperatura do planeta deve-se mais à produção de cloro-fluoreto de metano (freon) imposta pela sanha capitalista advinda do hemisfério norte que das "queimadas" de matas no Brasil. A poluição dos mares, hoje em dia a níveis assustadores e de rios nos países industrializados são tão nocivos para a saúde do globo terrestre quanto o desmatamento na Amazônia. A caça e pesca — notadamente de tigres, elefantes, focas e baleias — perpetradas pelo homem branco há séculos e que se prolonga ainda por nossos dias têm se revelado muitas vezes mais prejudicial para o equilíbrio biológico da Terra que as sequelas de projetos como Serra Pelada ou Carajás. E mais ainda, por que nada

se faz de concreto para os maiores males da nossa época que é o terrorismo (atualmente em expansão) e a venda de armas, esses sim os mais cruéis geradores da morte de inocentes e do genocídio de seres humanos em todas as partes do mundo?

Por que o roqueiro Sting não veste essa camisa? Por que será menos comercial ou por que ele vai ingerir com os maiores interesses do mundo capitalista? E a mídia eletrônica, é certo que esta o respaldaria ou se omitiria?

Para concluir eu devo dizer que se os verdadeiros propósitos desse cantor inglês e da máquina que o impulsiona fossem de fato meritórios, eles teriam escolhido para sua marca um tipo diferente de arte (se podemos qualificá-la como tal), no mínimo menos agressiva, menos lugar-comum, talvez mesmo sublime e que atingisse o ser humano pela via do bem-estar e da admiração por uma obra original e inteligente, nada a ver portanto com o igual, ruidoso, violento, irritante, tatibitate da sua música, fator comprovado de alienação sistemática de quem a escuta